

Conversão em ações, só pelo "valor real"

- 5 DEZ 1986

RIO

AGÊNCIA ESTADO

Os credores do Brasil admitem transformar uma parte da dívida externa em ações de empresas brasileiras, mas exigem que os dólares sejam considerados pelo seu "valor real" e não de acordo com os índices oficiais. A afirmação foi feita ontem, no auditório do Jockey Club do Rio, pelo diretor da corporação financeira internacional (CFI), entidade ligada ao Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial, Everett Santos.

Everett Santos participou da abertura do seminário "Investimento Estrangeiro e a Conversão da Dívida Externa", promovido pela Bolsa de Valores do Rio, com o apoio da Fundação Getúlio Vargas, do Citicorp — um dos maiores credores do Brasil —, da Associação dos Bancos de Investimento e da própria CFI, que assim dá sua aprovação formal da idéia de transformação de parte da dívida em ações.

Durante a abertura do seminário apenas o presidente da Petrobrás, Ozires Silva, foi contra a conversão da dívida. Ele disse que as dívidas externas da Petrobrás — de US\$ 2 bilhões — correspondem a apenas 11% do faturamento de um ano da empresa. "Essa idéia de conversão da dívida em ações só deve ser aplicada em estatais muito endividadas", afirmou Ozires.

Manifestaram-se a favor da conversão da dívida em ações o presidente da Bolsa de Valores do Rio, Enio Rodrigues; o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Ingo Zadrozny; o empresário Jorge Gerdau Johannpeter; e o conferencista Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central, além de Everett Santos.

Everett Santos disse que essa conversão tem de ser limitada, não podendo se aplicar a toda a dívida. Comentou que, atualmente, os débitos do Brasil são negociados, em um mercado que se criou nos Estados Unidos, por 25% do seu valor, enquanto os da Bolívia valem, nesse mercado, apenas 8%. Citou que, com a conversão da dívida, os bancos credores poderiam vender suas quotas para outros investidores, aproveitando-se desse mercado já existente.

O ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni, disse que o Brasil está isolado, hoje em dia, em termos de negociação da dívida, pois a Argentina e o México fecharam acordos com o FMI e o Brasil insiste em uma ação isolada, que a seu ver não é a mais indicada.